

# - Campanha dá certo nos EUA

WASHINGTON — A incidência de hipertensão na população norte-americana caiu 14% entre 1980 e 1991. A queda foi considerada pelas autoridades da Saúde como um sinal de que determinadas mudanças no estilo de vida recomendadas por campanhas oficiais estão começando a surtir efeito.

Os médicos do Instituto de Coração, Pulmão e Sangue, ligado ao Instituto Nacional de Saúde (INS), que conduziu a campanha, acreditam que esse declínio foi mesmo resultado da maior atenção da população à forma física e à alimentação sadia, além da redução do consumo de álcool (a queda foi de cerca de 12% entre 1980 e 1989) e do maior número de pessoas que abandonaram o cigarro.

Encorajados pelos novos dados, os médicos do governo norte-americano planejam uma nova campanha para prevenir a hipertensão. Alguns critérios foram alterados. Agora, uma pessoa passa a ser considerada hipertensa se tiver pressão de 140 por 90 ou acima.

O consumo máximo diário de sal recomendado agora é de seis gramas — quantidade contida em três colheres de chá da substância. Cerca de 80% dos 10 a 12 gramas de sal consumidos pelo americano médio estão contidos em alimentos

industrializados como pães, queijos, carnes e comida congelada, de acordo com Edward J. Roccella, coordenador do Programa Nacional de Educação sobre Pressão Alta do INS.

“A indústria de alimentos terá que cooperar com o esforço nacional para a prevenção da hipertensão”, advertiu Roccella. Por sua vez, Lester M. Crawford, vice-presidente executivo para assuntos científicos da Associação Nacional de Alimentos Industrializados, destaca o esforço de “10 longos anos” para reduzir a quantidade de sódio nos alimentos industrializados. Ele questiona os números do programa do INS, afirmando que estão “desatualizados”.

Cerca de 50 milhões de americanos sofrem de hipertensão, segundo dados de uma pesquisa recente. Apesar do crescente número de medicamentos disponíveis no mercado para o controle da hipertensão arterial, os altos preços e os inúmeros efeitos colaterais constituem um obstáculo à utilização dessas drogas. Por outro lado, o fato de a pressão alta ser uma condição crônica exige o uso contínuo de medicamentos, segundo Paul W. Nelson, professor de epidemiologia na Universidade Johns Hopkins.